



## **OLHARES MATERNOS SOBRE EDUCAÇÃO INCLUSIVA: COMO FICARAM OS ESTUDANTES COM NEE COM AS AULAS REMOTAS?**

Levi Menezes Varjão<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Nos plurais cenários da educação contemporânea, emerge como necessidade de debate, ainda e amiúde, a questão da inclusão, sobretudo como prática que precisa passar pela ressignificação, para assim, se produzir de modo dialogal, aberto e plural, considerando-se todas as diversidades inerentes aos seres humanos. Discutimos sobre os processos das aulas remotas, edificados nos dias em curso, em razão da pandemia gerada pela disseminação do corona vírus. Diante da emergência das aulas remotas nos debruçamos em refletir sobre a situação das crianças com NEE, no que tange a inclusão de sujeitos com deficiências e necessidades educacionais específicas tendo como desafios a educação remota. Como objetivos específicos ficou latente: compreender a realidade dos estudantes com NEE no cenário do ensino remoto, evidenciar dificuldades e apontar esperanças nascidas nas práticas de educadores que atuam tanto na sala de aula regular quanto na dimensão do Atendimento educacional especializado (AEE) no contexto da escola inclusiva. O diálogo teórico se consolidou, a partir do aprofundamento dos aspectos pedagógicos e sociais da educação posteriormente, com um trabalho de campo, de cunho qualitativo, sendo um estudo empírico exploratório, onde foram realizadas entrevistas a seis mães de crianças com NEE diretamente envolvidos com as práticas de inclusão tecidas na escola. Concluímos que a educação é ação imperiosa, admitindo que temos extrema dificuldade em compreender possibilidades inclusivas de alunos com deficiências e ou com NEE dentro dos modelos remotos.

**Palavras-chave:** Educação, Inclusão, Aulas Remotas, Pandemia

### **1 INTRODUÇÃO**

O propósito desta escrita se constituiu a partir das nossas caminhadas formativas e profissionais nas searas da educação que se deseja construir como inclusiva. Estamos e somos educadores, numa incessante busca pela construção da educação aberta ao diverso ao plural, como instância que recebe todos e todas.

Nos caminhos que vamos edificando ao longo do nosso exercício e militância nos caminhos pelos quais passamos como professor, como psicopedagogo e como pesquisador, buscamos

---

<sup>1</sup> Levi Menezes Varjão é professor Doutor em Ciências da Educação, UNINTER, PY, coordenador Pedagógico, SEC, Bahia  
E- mail: [lmvarjao@upl.com.br](mailto:lmvarjao@upl.com.br)





deixar no solo as sementes de uma educação que ainda não temos, mas que desejamos como espaço de todos: uma escola inclusiva.

A escola que temos ajudado a construir é ainda um espaço em mudanças, sobretudo em dias de pandemia, em que enfrentamos todas as demandas que a situação pandêmica nos impingiu. Podemos dizer com todas as letras, que estamos vivendo dias históricos, posto que nunca as escolas brasileiras precisaram fechar suas portas por tanto espaço de tempo.

Ao produzir o texto presente, contamos quase um ano e meio sem a possibilidade de abrir as escolas, gerando para muitos estudantes prejuízos ainda incalculáveis.

O vírus é uma realidade que nos atingiu intempestivamente nos fazendo enxergar o que antes era ofuscado pela correria do dia a dia: a escola é um espaço primordial para acolher, receber e educar todos e todas.

Enfim, a pandemia nos obrigou a traçar outras rotas de ensino aprendizagem, desenhadas e forjadas pelo esforço de docente e gestores que, ousaram e se reinventaram, inventando novos modos de fazer a docência: agora pelos caminhos remotos.

Mas para além de todas as chagas abertas na sociedade e na escola, neste texto desnudamos um problema urgente: Nos cenários do ensino remoto, como ficam os estudantes com necessidades educacionais especiais?

Debruçando-nos sobre tal problema, nos desafiamos a tecer as linhas deste texto, tendo como objetivo maior: promover uma reflexão sobre a situação dos estudantes com NEE considerando o contexto das aulas remotas. Como objetivos específicos ficou latente: compreender a realidade dos estudantes com NEE no cenário do ensino remoto, evidenciar dificuldades e apontar esperanças nascidas nas práticas de educadores que atuam tanto na sala de aula regular quanto na dimensão do Atendimento educacional especializado (AEE) no contexto da escola inclusiva.

Para efeito de conseguir responder aos objetivos anunciados, efetivamos um estudo exploratório inicial, a partir de um mecanismo de pesquisa qualitativa, tendo como recurso de coleta de dados uma entrevista feita a mães de estudantes que tem NEE. A escuta dos colaboradores, que foram em número de seis responsáveis mães, por jovens escolarizados, ocorreu no espaço de tempo entre março a julho do ano de 2021. De modo geral, o estudo nos permitiu o contato direto com a realidade vivida pelas mães de crianças que, escolarizadas nas escolas públicas, enfrentam além de vários entraves, as dificuldades inerentes ao estudo pelo modo remoto.





## 2 DIÁLOGOS TEÓRICOS

Nos últimos anos, estão sendo processadas mudanças significativas na conceitualização da Educação Especial, o que provoca o surgimento de novos enfoques educativos, em muitas partes do mundo.

Diversas teorias têm surgido, no cenário científico especialmente no contexto das ciências Pedagógicas, o que tem promovido a ressignificação da Educação como um todo. Esta mobilidade tem sido demarcada, principalmente, na década de sessenta, conforme Santos afirma:

Parece correto afirmar que é a partir dos anos sessenta que a luta pelos Direitos Humanos se fortalece. Tal se verifica entre outros motivos, pelo próprio crescimento dos movimentos das memórias, pelo avanço das ciências em demonstrar e propor a desmistificação dos preconceitos e da necessidade de união dos povos, a difusão das ideias da Sociologia contra a discriminação, a segregação, e os avanços tecnológicos que configuram nossos dias. (SANTOS, 2000, p.35).

Desta forma, todo o contingente de proposições, postulados e fenômenos são refletidos na educação como um todo e em muitos países os ideais de educação especial agora se disseminam, com novos enfoques, movidos, e inspirados principalmente por alguns fatos, que contribuíram decisivamente para a disseminação e a ressignificação da Educação Especial.

Neste bojo, emergem as discussões quanto à ressignificação do ato de educar, principalmente pela urgência que tal ato assume na proposta de tecer os fios da educação inclusiva. A ideia de educação inclusiva coloca a questão da presença do aluno com diferenças, no Ensino regular sob nova ótica, reconhecendo a existência da diversidade, ou seja:

Das mais variadas diferenças-originárias de condições pessoais, sociais, culturais e políticas e tem como pressuposto que a escola atual não consegue dar conta dessas diferenças, na medida em que proclama a necessidade de modificações estruturais da escola que aí está, para que elas sejam capazes de prover uma educação de alta qualidade a todas as crianças. (MIRANDA, 2002, p.50).

Não é raro ter-se alunos com deficiências que, após longos períodos de escolarização experimentam o “insucesso”, permeados de repetências, conseguem concluir seus estudos, mesmo sem conseguir alcançar o nível de conhecimentos que se espera de alguém que cursou toda a fase obrigatória da escolarização. Assim é que, estes educandos, somados àqueles que, por não suportarem a situação imposta pelo sistema educacional, terminam por abandonar a escola, enfrentam uma grave consequência: chegam à idade adulta, despreparados para atuar na





sociedade onde vivem e ainda para seguir uma determinada profissão. Este fato é também uma forma de manifestação do insucesso escolar.

Existe certa tendência entre os educandos e a sociedade de tratar o estudante com deficiência como incapaz, “coitadinho” e mesmo como o próprio culpado do baixo rendimento na aprendizagem; no entanto o insucesso escolar, tal como pode ser observado, mostra-se em sujeitos particulares, mas que vivem numa determinada sociedade estão inseridos num certo contexto social, o que revela que o fracasso escolar não provém unicamente dele, mas de um coletivo de fatores.

Considera-se errônea a atitude de determinadas pessoas ao julgarem que os alunos com deficiência não conseguirão obter êxito e possuem algum tipo de problema psicológico que os impedem de aprender. Mas, não se podem reduzir as causas do insucesso escolar dos sujeitos com deficiência apenas aos limites impostos pela condição biológica. Sabe-se que as dificuldades de aprendizagem, na maioria das vezes, relacionam-se mesmo ao fator socioeducacional. O insucesso do aluno, muitas vezes, se processa e se cristaliza nas relações pedagógicas constituídas dentro da escola.

Observa-se que, segundo Bossa: “nas tramas do fazer o do viver pedagógicas cotidianamente nas escolas, que se pode perceber as reais razões do fracasso escolar das crianças advindas de meios socioculturais mais pobres” (PATTO apud BOSSA, 2002, p. 25)

As práticas escolares que não caminham na direção da inclusão são vistas como o pivô da aprovação/reprovação dos estudantes. É importante que se perceba, contudo, que as práticas avaliativas não acontecem isoladamente. Elas são parte de um modelo pedagógico e são definidas pelas circunstâncias presentes nesse modelo. Desse modo o que se tem é uma educação carregada de autoritarismo, visto que seguem um modelo pedagógico que se impõe pela homogeneidade e exclusões.

Essa pedagogia também não está descontextualizada, pois serve a uma sociedade que visa a sua conservação. Assim, a escola reproduz a sociedade através da inculcação de valores e condutas em seus alunos, evitando que estes se desviem de padrões preestabelecidos. Para Silva e Cardoso:

Debates a parte sobre as desigualdades sociais e tipos de escolas que foram se perpetuando pelo país, fato é que, em idade escolar, ou seja, já com os três anos de idade, a maioria dos pais se veem na necessidade de colocar as crianças em creches e escolas, sobretudo por razões também de sobrevivência, posto que, a maioria das crianças filhas de pais trabalhadores precisam ir para escola para que: os pais possam trabalhar e produzir o sustento de todos, assim como, para





muitos, a escola passa a ser também um local de proteção social em razão de poder ser cuidados e terem acesso a refeições, muitas vezes essenciais. Ademais, a escolarização, ou seja, o processo de matrícula, acesso e permanência da criança na Instituição escolar também assegura aos pequenos, o acesso a brinquedos, ludicidade, entretenimento e a vida cultural. (SILVA & CARDOSO, 2021, p.10)

De tal modo, as práticas pedagógicas descontextualizadas, soltas sem considerar a diversidade aliadas a avaliação, tal como é compreendida e vivenciada na escola, acaba por legitimar o insucesso do aluno, sobretudo dos que tem NEE, pois segue a uma prática voltada para a seleção social e para os modelos unificadores e alheios a princípio da diversidade humana.

### **3 DIÁLOGOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa que efetivamos, ao longo de de um semestre, entre os sujeitos, destacados como mães de estudantes com NEE estudantes na escola pública, nos revelaram muitos aspectos quanto as aulas remotas praticadas, sobretudo, sobre seus desejos e necessidades a serem vistos pela escola em relação ao processo de inclusão, dialogante, plural e acima de tudo, que respeite a diversidade de todos.

Para realizar a pesquisa tornou-se necessário escolher técnicas de modo coerente ao que se anuncia como objetivos da pesquisa. Assim, é preciso ter coerência na eleição das técnicas em face de atingir ao que se propõe com a entrevista. A entrevista teve como objetivo investigar o processo de escolarização das crianças com NEE tendo como moldura o contexto social a qual estamos vivendo caracterizado como dias pandêmicos.

Cabe ressaltar que a entrevista nos possibilitou conforme as respostas dos entrevistados a realizar novas perguntas. As entrevistas foram realizadas com mães de crianças consideradas com NEE, moradoras na zona urbana do município de Serrinha-Ba por via *WhatsApp* devido a estarmos em período de isolamento social e as medidas sanitárias decretarem o isolamento social. Houve também à falta de disponibilidade de algumas mães, portanto, surgiu a necessidade de realizar também um roteiro de entrevista para responderem de acordo com a disponibilidade de tempo e horários em se tratando, de mães trabalhadoras.

Logo, procedemos à análise de falas, depoimentos reveladores dos sujeitos sociais, os quais apresentamos, a seguir. Durante quase os seis meses em que passamos a escutar e entrevistar mães de crianças com NEE, foram recorrentes discursos do não preparo dos professores e das famílias, falta de parecerias, abandono por parte dos pais, dificuldades financeiras como







também uma carga de trabalho muito grande para que elas deem conta. Sendo que, em certas ocasiões das entrevistas se perceberam, de fato situações conflituosas, onde algumas mães em desabafos, chegaram ao choro, revelando tristeza, desconforto, desesperança e, em certa medida, transferiram a responsabilidade da educação para a coordenação, direção e professores da escola.

#### **4 DIÁLOGOS COM A REALIDADE: DESCOBERTAS**

É certo e líquido que os pais devem decidir sobre os processos de escolarização dos filhos, sendo corrente e ponto pacífico, na maioria das vezes que a instituição escolar é o melhor espaço para educação sistematizada das crianças. Fato é que, em se tratando de crianças com NEE, muitas vezes, o processo de escolarização não se dá de modo tão simples e pacífico, posto que, mesmo estando explícito na Lei, muitos pais terminam por retirar as crianças das escolas, devido as barreiras atitudinais, pedagógicas e mesmo arquitetônicas que ainda imperam nas escolas do nosso país.

O que fica explicitado nos excertos das Leis em voga é que, os pais e responsáveis legais poderão escolher os modelos de educação a ser ofertados aos filhos. Ocorre, que nem sempre isso é verdadeiro. Muitos pais, sobretudo de crianças com deficiência, acabam por não ter escolha quanto a escola na qual os filhos estarão ou serão, de fato aceitos, abraçados, acolhidos. (SILVA & CARDOSO, 2021, p.11)

No entanto, na maioria dos casos, poucos são os sujeitos com NEE que conseguem lograr êxito na escola, devido a uma gama ampla de dificuldades que vão sendo apresentadas na proporção que a criança se esquivava e ou vai desistindo de ir e estar na escola.

Quando remetemos nosso olhar para os dias em curso, marcados pelo distanciamento social, fechamento da escola e a solidão a que todos foram impostos, indagamos aos professores e as pais, sobre como acontecem os processos de inclusão dos sujeitos com NEE no modo das aulas remotas. Diante de nossas indagações, coletamos alguns recortes de falas, as quais muito revelaram sobre o contínuo de condutas de exclusões pelas quais as crianças com NEE passam.

Devemos enfatizar que, neste texto, por questões de ética não usamos os nomes próprios das colaboradoras, sendo que as nomeamos por incógnitas: W, X, Y, Z, X2 e Y2

Ilustramos a seguir algumas das falas:

Meu garoto estuda na escola pública, graças a Deus que la ele sempre se sentiu bem e eu também, Já labutei muito para ele ser aceito pelos colegas. Paguei escola cara, e quebrei a cara. Hoje, na que ele está ele está gostando muito





porém com a pandemia estou sentindo meu filho desestimulado com o ensino, devido ter que sair para trabalhar e ele ter que ficar sozinho sem apoio da família para dar suporte, além de observar em algum momento a solidão do meu filho. Eu mesmo sinto que tem falta da interação dos colegas, dos professores para com ele dentre outras coisas que contribuí negativamente com a educação do filho. (COLABORADORA W, 2021)

A colaboradora Y assim relatou:

Dialoguei com as professoras sobre esses comportamentos observados em intervalo curto de tempo para que haja uma intervenção e não venha causar evasão escolar do estudante. Ressaltando que eu providenciei e consegui ter um tempo para estar com meu filho acompanhando as atividades. Para mim, nesses dias de isolamento todos precisam fazer um pouco, cada uma precisa contribuir de algum modo para a educação não parar, mas sei que muitas mães não podem fazer isso, pois precisam trabalhar para o sustento da casa. (COLABORADORA Y, 2021)

Dentre as falas também destacou algumas dificuldades por não ter a presença paterna nesse acompanhamento na educação do filho. Finalizou sua fala justificando sua insatisfação com o ensino remoto e preocupação com um possível desinteresse do filho pela escola.

A mãe denominada por K assim nos relatou sua situação:

Tenho um filho com deficiência intelectual, de 17 anos de idade que está matriculado na rede pública. Ele já tinha dificuldade enorme de ir pra (sic) escola em tempos normais, que dirá agora nesse inferno que estamos todos metidos. Nunca vi coisa assim. Ele está nervoso demais. Toma medicamentos, mas não resolve. Ele voltou a ter aqueles mesmos problemas de antes. Tipo assim... como se diz, quando a pessoa volta no tempo! Assim, ele voltou a ser como era lá quando tinha sete pra (sic) oito anos. Ele.... Sabe? Ele destorou (sic) tudo que aprendeu. Estou esgotada, cansada de tudo isso. A escola poderia ter um tratamento mais melhor (sic), vir até as casas, principalmente das crianças. Digo crianças porque meu menino é criança. Só tem tamanho. A cabeça dele é de criança mesmo. (COLABORADORA K, 2021)

Sobre a situação que as mães narram nas entrevistas, Silva e Cardoso assim refletem:

As narrativas, em muitos trechos revelam sentimento de frustração, de inércia, de silenciamentos, que evidentemente promovem a exclusão. Esses são dias duros, de isolamento, de dúvidas, incertezas, lutos pelos que se foram, sem chances de luta pela vida. O caso das crianças autistas, que estão isoladas, trancadas dentro das suas casas, nos remete a acender o sinal de alerta para os perigos de tal situação posto que, todos os avanços que se tinham galgado, podem ser dissipados. É urgente que famílias, escolas e poder público pensem cooperativamente em saídas para a situação emergencial das crianças com NEE. (SILVA & CARDOSO, 2021, p.20)

O exercício de escuta das pessoas, sobretudo as mães quanto ao ensino remoto, nos alertou para a situação grave das crianças com NEE que, já vinham de processos de exclusões intensos e





que com a pandemia e as aulas remotas isso se acentuou bastante. Não obstante ouvimos depoimentos tristes, densos, pesados sobre a solidão em que vivem essas mães com seus filhos com NEE.

## 5. DIÁLOGOS CONCLUSIVOS

O estudo, embora de molde exploratório inicial, nos permitiu tecer algumas ponderações importantes, sobretudo para os que estudam a educação como processo, como forma, como caminho para efetivar a aprendizagem, e a ressignificação dos caminhos e caminhadas feitas na e pela educação, sobretudo, quando se deseja a consolidação da prática que inclui todas as pessoas, numa escola que promove a aprendizagem.

Primeira ponderação: será que as aulas remotas deram conta de incluir todos e todas? Os recursos usados de modo emergencial para dar continuidade as aulas, de fato incluíram todos e todas? E as crianças com NEE, elas se sentiram, se conectaram a um modo virtual de fazer educação? Ao que indica, o estudo, embora com recorte tímido, nos apontou para os profundos prejuízos que as crianças, sobretudo as com NEE terão, em razão de uma modelo de educação feito às pressas, sem planos, sem nortes e sem uma espinha dorsal condutora.

Segunda ponderação: Como pensar em edificar uma educação justa, que agregue que respeite as diversidades e especificidades dos educandos com deficiência?

Talvez esta ponderação seja o calcanhar de Aquiles para muitos educadores, sobretudo que precisam lidar com as diferenças, dentro de velhas práticas que tentam homogeneizar as pessoas, em modelos herméticos, percorrendo resultados e parâmetros tipificados como os melhores para cada série e grupo.

De fato, a escola precisa se preocupar com seus objetivos, metas e desenvolvimento de competências e habilidades estandardizadas nos dispositivos oficiais de aferição da qualidade do sistema educativo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. *Soroban: manual de técnicas operatórias para pessoas com deficiência visual*. Brasília: MEC/SEESP, 2009, 284p.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. *A Construção do Conceito de Número e o Pré-Soroban*. Brasília: MEC/SEESP, 2006, 92p;

BRASIL. Senado Federal. Declaração de Salamanca e Linha de ação sobre Necessidades Educativas Especiais. Brasília, CORDE, 1994.







BRASIL.Senado Federal.Diretrizes Nacionais para Educação Especial na educação Básica.Mec/SEESP,2001.

BRASIL. Lei Federal nº 6571, de 17 de Setembro de 2008.**Atendimento Educacional Especializado** de 2008.

BOSSA, Nadir A. Fracasso Escolar: um sintoma social da contemporaneidade. In. **Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”**.Porto Alegre: Mediação, 2004.

CASTORINA, Jose Antônio et Al,**Piaget Vygotsky Novas contribuições para o debate**. São Paulo: Ática, 1998.

FREIRE, I. Um olhar sobre a criança: interações e experiências dos adultos com a criança não visual. In: BIANCHETTI, L; FREIRE, I. M (orgs.) *Um olhar sobre a diferença: interação, trabalho e cidadania*. São Paulo: Papyrus, 1998, 224 p.

GODOI, Ana Maria de. **Saberes e práticas da inclusão:dificuldades acentuadas de aprendizagem:deficiência múltipla**.4ed/ elaboração prof<sup>o</sup> Ana Maria de Godói [et all].- Brasília:MEC, SEESP, 2006.

GUIJARRO, Rosa Blanco. Nueva Concepción de la educacional especial y perspectivas de futuro em el marco de los acuerdos internacionales, Ciudad de Habana, Cuba, 1999

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições**. 10<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MARCHESI, Álvaro e PÉREZ, Eva Maria. A compreensão do fracasso escolar. In.

MARCHESI, Álvaro; GIL, Carlos H. (org.). **Fracasso Escolar: uma perspectiva multicultural**. Porto alegre: Artes Médicas, 2004.

MIRANDA, Theresinha Guimarães; JESUS, Tércio Rios de.Educação Inclusiva ou Integração Escolar? Revista de Educação CEAP, Salvador, n. 35, p. 7-103, Dez- 2001/Fev 2002.

SILVA, Ariana Soares, CARDOSO, Jusceli Maria Oliveira de Carvalho. **Narrativas de Mães de Crianças Autistas Sobre os Processos de (Des)Escolarização de Crianças com Tea: Exclusões, Barreiras e Possibilidades**. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Banca de qualificação, Curso de Pedagogia, UNEB, 2021

SANTOS, Mônica P. dos. **Políticas Públicas de inclusão de pessoas com deficiência: uma análise omnilética**. XVI ENDIPE, UNICAMP, Junqueira e MartinsEditoras, Campinas, 2000

